

UNIFICAÇÃO

Diretor-Responsável:
PAULO ALVES DE GODOY
Secretário:
PROF. APOLO OLIVA FILHO

Órgão da
UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE S. PAULO
«U. S. E.»

Conselho de Redação:
DR. LUIZ MONTEIRO DE BARROS
ABEL GLASER
PROF. EMILIO MANSO VIEIRA

ANO XV

Registrado no Departamento Nacional de Propriedade Industrial sob n.º 183.663, em 11-4-1936 e, de acordo com a Lei Federal n.º 2083, de 12-11-1953, combinada com o Dec. Federal n.º 4857, de novembro de 1939, sob n.º 1244, no Cartório do 1.º Ofício da Capital

SÃO PAULO — BRASIL

Janeiro de 1968

Redação

Rua Maranhão, 404 - C. Postal 3.948
Telefone: 52-6273 - São Paulo - 3

N. 178

Centenário de "A Gênese", de Allan Kardec

O mundo espírita comemora, no mês de janeiro de 1968, o transcurso do 1.º Centenário do lançamento do livro "A Gênese", de Allan Kardec, obra que completou o pentateuco da Codificação Espírita.

"A Gênese — Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo" é incontestavelmente uma obra de incalculável valor, ao abordar problemas científicos à luz do Espiritismo, procurando

tretanto, tem que vir a seu tempo, para vir com segurança."

"Unificação", no ensejo do transcurso de tão auspiciosa efeméride, rende ao emérito Codificador do Espiritismo o seu preito de gratidão e admiração, apologizando a sua obra magistral que teve o mérito incomparável de fazer com que o mundo emergisse do materialismo avassalador que, no século XIX parecia querer exercer domínio irrestrito sobre toda a humanidade, devido à deficiente vigilância das religiões que tiveram a seu cargo, nos últimos dezoito séculos, a tarefa de zelar pela integridade e pureza do Cristianismo legado por Jesus.

Eis porque agora se torna imperioso o lema: "Estudar Kardec para viver Jesus", estudar as obras básicas do Espiritismo a fim de se poder assimilar e viver aquilo que o Mestre Nazareno nos revelou há quase dois milênios.



elucidar à luz da ciência inúmeras questões evangélicas, esboçando-as do aspecto miraculoso que as teologias sempre porfiraram em lhes atribuir, para lhes dar o caráter de fatos naturais e pertencentes enquadrações nas leis eternas e imutáveis que nos regem.

Allan Kardec, no prefácio da primeira edição publicada em Paris, no mês de janeiro de 1868, foi bastante claro ao definir o objetivo da obra: "Esta nova obra é mais um passo dado no terreno das consequências e das aplicações do Espiritismo. Conforme seu título o indica, tem ela por objeto o estudo dos três pontos até agora diversamente interpretados e comentados: a Gênese, os Milagres e as Predições, em suas relações com as novas leis, que decorrem da observação dos fenômenos espíritos".

Mais adiante, ponderou o incólito Mestre: "O Espiritismo não encerra mistérios, nem teorias secretas; tudo nele tem que estar patente, a fim de que todos o possam julgar com conhecimento de causa. Cada coisa, en-

"A VERDADE"

Recebemos o número 1 do novo jornal espírita «A Verdade», editado em Piracicaba, SP, pela União Municipal Espírita, órgão da USE.

O novo veículo de difusão espírita tem em sua direção o nosso confrade Arlindo Carneiro Júnior e muito promete fazer em favor da propagação do Espiritismo, tendo como bandeira o lema: «Conheceis a Verdade e a Verdade vos libertará».

Lançado precisamente no dia 3 de outubro, quando se comemorou o 163.º aniversário de encarnação do ínclito Mestre Allan Kardec, o novo órgão publicitário se manifesta como autêntico defensor da pureza doutrinária do Espiritismo, propondo-se ainda a propugnar na tarefa ingente de implantar o Evangelho de Jesus em todos os corações.

Seu número de apresentação traz um editorial no qual se destaca: «Achamos que na seara, cada elemento deve colaborar com aquilo de que dispõe. Erram os que pensam que nada tem para dar. Todos nós possuímos algo, realmente nosso, de que podemos dispor.»

Traz ainda um artigo do diretor da UME de Piracicaba, Prof. Walter Radamés Accorsi, sob o título «A Verdade», várias mensagens e notícias sobre o movimento espírita piracicabano, além de informes sobre a marcha do Espiritismo em geral.

«Unificação» abraça o novo colega e reitera-lhe os mais efusivos votos de franco progresso e vida longa.

OS GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO

Anália Franco

Anália Emilia Franco, mais conhecida por Anália Franco, nasceu na cidade de Rezende, Estado do Rio de Janeiro, no dia 1.º de fevereiro de 1856, e desencarnou em S. Paulo, com quase 63 anos, em 20 de janeiro de 1919. (*)

Com 16 anos de idade, entrou num «curso de Câmara», dessa cidade e logrou aprovação para exercer o cargo de «Professora Primária Municipal». Trabalhou como assistente da própria mãe durante



algum tempo. Antes de 1875, diplomou-se «Normalista», em S. Paulo. Foi após a Lei do Ventre Livre que sua verdadeira vocação se exteriorizou: a vocação literária. Já era por esse tempo notável como literata, jornalista e poetisa. Entretanto, chegou ao seu conhecimento que os nascituros de escravos estavam previamente destinados à «Roda», da Casa de Misericórdia. Já perambulavam, mendicantes, pelas estradas e pelas ruas, os negrinhos expulsos das fazendas por impróprios para o trabalho. Não eram, como até então «negociáveis» com seus pais, e os adquirentes de cativos davam preferência às escravas que não tinham filhos no ventre. Anália escreveu, apelando para as mulheres fazendeiras. Trocou seu cargo na Capital paulista por outro no Interior a fim de socorrer as criancinhas necessitadas. Num bairro duma cidade do norte de S. Paulo, conseguiu uma casa para «escola primária». Uma fazendeira rica lhe cedeu a casa escolar com uma condição: não haver promiscuidade de crianças brancas e negras. Anália repeliu a condição humildemente. Recusou a gratuidade do uso da casa, estabelecendo um aluguel. A fazendeira guardou rancor à altivez da Professora. Anália criou então a sua primeira e original «Casa Maternal». Começou a receber todas as crianças que lhe batiam à porta, levadas por parentes ou apanhadas nas moitas e desvios dos caminhos. A fazendeira, abusando do prestígio político do marido, vendo que a sua casa, embora alugada, se transformara num albergue de negrinhos, resolveu acabar com aquele «escândalo» em sua fa-

zenda. Promoveu diligências junto ao Coronel e este conseguiu facilmente a remoção da professora. Anália foi para a cidade e alugou uma casa velha, pagando de seu bolso o aluguel correspondente à metade de seu ordenado. Como o restante era insuficiente ao alimento das crianças, não trepidou em ir pessoalmente pedir esmola para a meninada. Partiu de manhã da casa da fazenda a pé, levando consigo o grupinho escuro que ela chamava, em seus escritos, de «meus alunos sem mãe». Numa folha local, anunciou que, ao lado da escola pública, havia um pequeno «abrigo» para as crianças desamparadas. A fama, nem sempre favorável, da novel professora encheu a cidade. A curiosidade popular tornou-se espanto, num domingo, em que havia festa religiosa. Ela apareceu nas ruas com seus «alunos sem mãe», em bando precatório. Moça e magra, modesta e ativa, aquela impressionante figura de mulher, que mendigava para filhos de escravos, tornou-se o escândalo do dia. Era uma mulher perigosa, na opinião de muitos. Seu afastamento da cidade principiou a ser objeto de consideração em fôrdas políticas, nas farmácias. Mas rugiu a seu favor um pequeno grupo de abolicionistas e republicanos. Contra o grande grupo de católicos, escravocratas e monarquistas.

Com o decorrer do tempo, deixando algumas escolas maternais no Interior, veio para São Paulo. Aqui entrou brilhantemente para o grupo abolicionista e republicano. Sua missão, porém, não era política. Sua preocupação com as crianças desamparadas levou-a a fundar uma revista própria, intitulada «Album das Meninas», cujo primeiro número veio a lume em 30 de abril de 1898. O artigo de fundo se intitulava: «As Mães e Educadoras». Seu prestígio no meio professoral já era grande quando surgiram a Abolição da Escravatura e a República. O advento dessa nova era encontrou Anália com dois grandes colégios gratuitos de meninas e meninos. E logo que as leis o permitiram, ela, secundada por vinte outras pessoas amigas: Alice de Salles, Alzira de Salles, Ambrosina de Salles, Anália de Salles, Aracy Paranhos, Benedita Palhares de Queiroz, Brasília Machado, Carolina Dias de Araújo Góis, Elisa de Macedo, Emília da Silva, Francisca de Carvalho, Isabel Gonçalves, Isabel Mendonça, Maria de Moura Azevedo, Maria Olimpia de Melo, Ofé-

(Conclui na pág. 2)

Preço deste número
NCR\$ 0,15

lia Crissitima de Carvalho, Portfíria Pinto, Rita Pinto da Silva, Rosina Nogueira Soares, Severina Teixeira de Carvalho e Teresa de Jesus, e com o auxílio prestimoso de Sara Sampaio, fundou o instituto educacional que se denominou Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, no dia 17 de novembro de 1901, com sede no Largo do Arouche, em S. Paulo.

Por essa época, ou precisamente a 17 de outubro de 1901, o Secretário do Interior e Justiça de então, respondendo a um officio de Anália Franco e pondo à sua disposição o edificio da escola do 8.º Distrito para funcionamento das primeiras escolas da Associação, assim se expressou: «Revelando vosso programa um grau de civilização que honra sobremaneira o nosso Estado e preenchendo realmente os reclamos de uma cidade populosa e industrial como São Paulo, tenho a satisfação de vos declarar que para a realização dele podeis contar com tôdas as facilitações ao meu alcance.»

Em seguida, criando várias «Escolas Maternais» e «Escolas Elementares», instalou, com inauguração solene a 25 de janeiro de 1902, o «Lêco Feminino», que tinha por finalidade instruir e preparar professoras para dirigirem aquelas escolas, com o curso de dois anos para as professoras das «Escolas Maternais» e de três anos para as «Escolas Elementares». Foram notáveis os serviços que essas instituições prestaram no desenvolvimento da instrução e da prática das professoras que tinham de assumir, quer na Capital paulista, quer no Interior, a direção dessas escolas.

Anália Franco publicou muitos folhetos e opúsculos referentes aos cursos ministrados em suas escolas; tratados especiais sobre a infância nos quais a professora encontrasse meios de desenvolver as faculdades efetivas, educação e moral das crianças, instruindo-se ao mesmo tempo. O seu opúsculo «O Novo Manual Educativo» era dividido em três partes, a primeira destinada à Infância, a segunda à Adolescência e a 3.ª à Juventude, confeccionados em fascículos de 32 páginas.

A sua publicação «Album das Meninas», tinha por objetivo tratar de assuntos concernentes às suas atividades filantrópicas. Em 1.º de dezembro de 1903, passou a publicar «A Voz Maternal», revista mensal com a apreciável tiragem de 6.000 exemplares. Este órgão era impresso em officina própria, na Ladeira do Piques n.º 21, em S. Paulo.

A Associação Feminina mantinha um Bazar à rua do Rosário n.º 18, para venda dos artefatos das suas officinas, e uma sucursal desse estabelecimento à Ladeira do Piques n.º 23.

Anália Franco mantinha Escolas Reunidas na Capital e Escolas Isoladas no Interior; Escolas Maternais, Creches na Capital e no Interior do Estado, Bibliotecas anexas às Escolas; Escolas Profissionais; Arte Tipográfica, Curso de Escrita Mercantil; Prática de Enfermagem e Arte Dentária; Línguas (francês, italiano, inglês e alemão); Música, Desenho, Pintura, Pedagogia, Costura, Bordados, Flores Artificiais e Chapéus, num total de 37 instituições.

Era romancista, escritora, teatróloga e poetisa. Escreveu uma infinidade de livretos para educação das crianças e para a Escola, dignos de serem adotados nas Escolas Públicas.

Produziu a sua vasta cultura três ótimos romances, com os títulos: «A Eglide Materna», «A Filha do Artista» e «A Filha Adotiva».

ANÁLIA FRANCO

(Conclusão da 1.ª pag.)

Foi autora de algumas peças teatrais, dentre estas «A Escolinha», e vários Diálogos. Escreveu várias estrofes, destacando-se «Hino a Deus», «Hino a Ana Nery», «Cantos», «Minha Terra», «O Meu Corpo», «O Café», «O Arlequim», «O Carpinteiro», «Hino a Jesus» e muitos outros.

Os lucros auferidos com a venda dos seus livros tinham por finalidade auxiliar a manutenção das instituições por ela fundadas. Dos fins da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, destacamos:

- 1.º) — Recolher mulheres pobres, com ou sem filhos, que se achassem em desamparo;
- 2.º) — Meninas órfãs ou filhas de pais inválidos;
- 3.º) — Meninos com suas mães, até oito anos;
- 4.º) — Filhos de mães operárias, maiores de dois anos;
- 5.º) — Aulas de instrução primária, secundária e profissional, diurnas e noturnas, para asiladas ou não;
- 6.º) — Secções especiais para enfermeiras e mulheres arrendidas;
- 7.º) — Albergue Diurno para crianças pobres, filhas de mães operárias ou empregadas.

As creches objetivavam recolher crianças de 2 a 7 anos, equivalente aos Jardins da Infância ou Cursos Pré-Primários de hoje.

Anália Franco foi a primeira educadora que fundou escolas para menores de sete anos e também para amparo e regeneração de mulheres decadidas.

O fato que vamos relatar, passou-se nos primeiros tempos de fundação da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva:

Naquele tempo pereceu afogado no Rio Tietê, um moço descendente de importante família paulista.

Sua mãe, sabendo da existência do Asilo e dos grandes benefícios que essa instituição vinha prestando à população, mandou sua governante levar à diretora uma esportilha de um conto de réis. Chegando a portadora ao Asilo, em carro puxado por uma bela parselha de cavalos, foi recebida por Anália, a qual foi logo dizendo à visitante:

- Eu esperava a sua visita...
- Mas, como, se ninguém sabia que eu vinha aqui?...

Diz-lhe Anália:

— Esta noite, como me deitasse muito apreensiva por causa da alimentação das crianças, devido à falta de recursos, em sonho vi um moço louro que me disse: — «Tranquelize-se, porque amanhã terás com que comprar mantimentos para a alimentação das crianças.» Como, vê, a senhora veio confirmar o sonho que tive.

Depois de longa conversação e um passeio pelo estabelecimento, a visitante retirou-se encantada. Pouco tempo depois voltou com um album de retratos. Entregou-o a Anália e disse:

— Veja se encontra neste album o retrato da pessoa que lhe apareceu em sonho.

D. Anália, folheando o album, encontrou um retrato que lhe chamou a atenção e disse: Não é este, mas é muito parecido. A visitante lhe diz: — Continue a folhear. Continuando a pesquisa, em dado momento apontou para um retrato dizendo: foi este. Foi então que essa senhora lhe contou a morte por afogamento do filho daquela que ali a enviara, cujo porte e semblante coincidia com aquele que apparecera em sonho e foi reconhecido pelo retrato.

Escusado é dizer que esse fato causou profunda impressão no espirito da genitora desse rapaz, vindo

ela, dias depois, a adquirir e doar o prédio onde funcionava o Asilo.

Em 1911 conseguiu Anália, sem qualquer recurso financeiro, adquirir a «Chácara Paraíso». Eram 75 alqueires de terra, parte em matas e capoeiras e o restante ocupado com benfeitorias diversas, entre as quais um velho solar, ocupado longos anos por uma das mais notáveis figuras da história do Brasil: Diogo Antônio Feijó.

Nessa chácara fundou Anália a «Colônia Regeneradora Dom Romualdo», aproveitando o casarão, a estrebria e a antiga senzala, interando ali, sob direção feminina, os garotos mais aptos para a lavoura, a horticultura, a criação suína e bovina, recolhendo ainda moças desviadas, ensinando-lhes o amor ao trabalho, inculcando-lhes as virtudes nobilitantes e preparando-as, enfim, para vencerem na vida pelo próprio esforço. Ali conseguiu regenerar centenas de mulheres, ensinando-lhes ainda uma profissão para ajudá-las a vencer na vida. Em parte desses terrenos funciona atualmente a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, no bairro de Vila Formosa, em S. Paulo, tendo sucedido-a na direção dessa obra Leonora Cintra, Cleo Duarte e atualmente Lidia e Hugo Braga.

Por ocasião da Primeira Grande Guerra, a Associação passou por uma fase dura, devido aos cortes das subvenções e outras ajudas que obtinha do povo. Mas Anália era um espirito forte. Em tal emergência fez com que a banda feminina «Regente Feijó», do grupo das educandas; e o «Grupo Dramático», formado pelas componentes da Colônia Regeneradora «D. Romualdo», partisse, acompanhada dela e do seu esposo, Francisco Antônio Bastos, com quem se casara aos 50 anos

de idade, percorrendo as diversas localidades do Interior, de modo a angariar donativos para a instituição. E de tal idéa, verdadeira inspiração do Céu, vieram os recursos necessários.

A vasta sementeira de Anália Franco consistiu em 71 Escolas, 2 albergues diurnos para crianças, 1 Colônia Regeneradora, para mulheres; 23 Asilos para órfãos, 1 Banda Musical Feminina, 1 Orquestra, 1 Grupo Dramático, além de officinas de flores, chapéus, etc. em 24 cidades do Interior e na Capital.

Sua desencarnação ocorreu quando havia tomado a deliberação de ir ao Rio de Janeiro fundar mais uma instituição de caridade, idéa essa concretizada posteriormente pelo seu esposo, que ali fundou o «Asilo Anália Franco.»

(*) Segundo e declarou Dr. Canuto de Abreu, sua desencarnação ocorreu no dia 13 de janeiro de 1918.

“Dois Mundos”

«Dois Mundos» é o nome do novo membro da imprensa espirita, editado em Nanuque, Estado de Minas Gerais, pelo Centro Espirita «Antônio de Pádua».

O novo jornal espirita, tendo como diretor o confrade Antônio J. Azevedo, e como redatores: Reginaldo Constantino e Geraldo N. Oliveira, muito promete fazer em favor da difusão do Espiritismo, levando as mensagens vivas da Doutrina a todos os corações e fazendo farta sementeira dos preceitos doutrinários.

No grande Estado central, portanto, mais um porta-voz se levanta para, através da palavra escrita, levar os postulados da Doutrina que nos felicita os dias, a todos os rincões da Pátria.

«Unificação» saúda o novel companheiro de lide jornalística e augura-lhe muito progresso e longa vida.

Juros Altos

ROQUE JACINTHO
(Especial para “Unificação”)

Você estremece e sofre ante aquêles que estabelecem altos juros sobre empréstimos dos valores de sua fortuna transitória. A sangria aberta, nos instantes febris da finança, percuta em sua alma à feição de triste advertência.

Examinemos, porém, a taxa de nossos recursos individuais. Há os que maldissem a agiotagem, mas por uma nesga de amor que dispensam ao semelhante cobram os pesados encargos da sub-servilência, sensibilizando-se quando o beneficiário não reproduza o figurino que lhe dáramos.

Há os que verberam contra os juros, contudo por um simples ensaio de perdão, no palco dos resgates domésticos, estabelecem uma senzala para todos os que usufruem dos seus sentimentos.

Há os que blateram a avareza, no entanto por um tênue raio de eridade que varou as trévas de nossa alma, amáde criamos os débitos intermináveis da gratidão que nem sempre o socorrido se encontra em condições de saldar...

Há os que condenam as taxas exorbitantes, todavia por um segundo de piedade não raro estabelecemos o tributo de admiração, a nascer naquêles cuja dor nos comoveu, sem que indagemos se seria justo a paga de um sentimento que nos trará, por si só, benefícios incalculáveis.

Há os que criticam o agiota, porém pela renúncia de sua liberdade, no contrato sponsalício, estabelecem as cláusulas de escravidão daquêles que partilharão consigo as alternâncias da caminhada.

Não nos cabe consagrar a espoliação. E' urgente, apesar disso, que reflitamos, por nossa vez sobre os encargos que temos criado no curso de nossa caminhada para todos os que, um dia, vieram sollicitar-nos os recursos individuais que trazemos em nossa alma. Descobriremos, então, onerações dolorosas dilapidando a economia espiritual daquêles que comungam conosco as lutas captatórias, porque raramente aprendemos a dar, sem exigir soberba retribuição.

O mesmo amargor que experimentamos ao ter que cobrir os pesados juros aquêles que nos empresta de sua fortuna, terá sentido aquêles que nos recebeu os favores pessoais e dos quais estejamos exigindo taxas aviltantes.

Extinamos dessas retribuições. Não mercadejemos no campo do Bem, esperando larga retribuição de nosso beneficiado de hoje, correndo o risco de sufocar as agradáveis e espiritualizantes sensações que nos envolveriam tôda a alma, pela manifestação de nossos mais nobres propósitos.

Amemos o próximo, por amor ao próximo.

NA "A GÊNESE"

O Espírito de Galileu Divaga Sobre o Crescimento ou Diminuição do Volume da Terra

15. — O volume da Terra aumenta, diminui ou permanece estacionário?

Alguns, para sustentar que o volume da Terra aumenta, se fundam em que os planetas dão ao solo mais do que dele tiram, o que, se num sentido é exato, noutro não o é. As plantas se nutrem tanto e até mais das substâncias gasosas que haurem na atmosfera, do que das que aspiram pelas raízes. Ora, a atmosfera faz parte integrante do globo; os gases que a constituem provêm da decomposição dos corpos sólidos e estes recompondo-se, retomam o que lhe haviam dado. É uma troca, ou, antes, uma perpétua transforma-



ção, de tal sorte que, operando-se o crescimento deles com o auxílio dos elementos constitutivos do globo, os despojos dos vegetais e dos animais, por muito consideráveis que sejam, não lhe aumentam de um átomo a massa. Se, por essa causa, a parte sólida do globo aumentasse de modo permanente, isso se daria à custa da atmosfera, o que diminuiria de outro tanto e acabaria por se tornar imprópria à vida, se não reapercesse, pela decomposição dos corpos sólidos, o que perde pela decomposição deles.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas se formaram das matérias sólidas momentaneamente volatilizadas, por efeito da alta temperatura, e que, condensadas mais tarde pelo resfriamento, se precipitaram. Incontestavelmente, elas elevaram um pouco a superfície do solo, mas sem acrescentarem coisa alguma à massa total pois que ali apenas havia um deslocamento de matéria. Quando, expurgada dos elementos que continha em suspensão, a atmosfera se encontrou no estado normal, as coisas tomaram o curso regular em que depois seguiram. Hoje, a menor modificação na constituição da atmosfera acarretaria, forçosamente, a destruição dos atuais habitantes da Terra; mas, também é provável que novas raças se formassem noutras condições.

Considerada desse ponto de vista, a massa do globo, isto é a soma das moléculas que compõe o conjunto de suas partes sólidas, líquidas, e gasosas, é incontestavelmente a mesma, desde a sua origem. Se o globo experimentasse uma dilatação ou

uma condensação, seu volume aumentaria ou diminuiria, sem que a massa sofresse qualquer alteração. Portanto, se a Terra aumentasse de massa, o fato seria efeito de uma causa estranha, pois que ela não poderia frisar de si mesma os elementos necessários ao seu aumento.

Há uma opinião segundo a qual o globo aumentaria de massa e de volume pelo afluxo da matéria cósmica interplanetária. Esta ideia nada tem de irracional, mas é por demais hipotética para ser admitida em princípio. Não passa de um sistema combatido por sistemas contrários, sobre os quais a ciência ainda nada estabeleceu. Eis aqui, a tal respeito, a opinião do eminente Espírito que ditou os sábios estudos uranográficos insertos acima, no capítulo VI:

«Os mundos se esgotam pelo envelhecimento e tendem a dissolver-se para servir de elementos de formação a outros universos. Restituem pouco a pouco ao fluido cósmico universal do espaço o que dele tira para formar-se. Além disso, todos os corpos se gastam pelo atrito; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico dá em resultado diminuir-se-lhe constantemente a massa, se bem que de quantidade inapreciável em determinado tempo. (1)

«A existência dos mundos pode, a meu ver, dividir-se em três períodos. Primeiro período: condensação da matéria, período esse em que o volume do globo diminui consideravelmente, conservando-se a mesma massa. É o período da infância. Segundo período: contração, solidificação da crosta; eclosão dos germes, desenvolvimento da vida até a aparição do tipo mais aperfeiçoado. Nesse momento, o globo está em toda a sua plenitude, é a época da virilidade; ele perde, mais muito pouco, os seus elementos constitutivos. A medida que seus habitantes progredem espiritualmente, passa ele o período de decrecimento material; sofre perdas não só em consequência do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, como pedra dura que, corroída pelo tempo, acaba reduzida a poeira. Em seu duplo movimento de rotação e translação, ele entrega ao espaço parcelas fluidificadas da sua substância, até ao momento em que se completa a sua dissolução.

«Mas, então, como o poder de atração está na razão direta da massa, não digo do volume, diminuída a massa do globo, modificam-se as suas condições de equilíbrio no espaço. Dominado por planetas mais poderosos, aos quais ele não pode fazer contrapeso, resultam daí desvios nos seus movimentos e, portanto, também profundas mudanças nas condições da vida em sua superfície. Assim, nascimento, vida e morte; ou infância, virilidade, decrepitude são as três fases por que passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica. Indestrutível, só o Espírito, que não é matéria.» (Galileu, Sociedade de Paris, 1868).

(1) No seu movimento de translação em torno do Sol, a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Sendo de 9.000 léguas a sua circunferência, em seu movimento de rotação ao redor do seu eixo, cada ponto do equador percorre 9.000 léguas em 24 horas, ou 63 léguas por minuto. (De "A Gênese", de Allan Kardec).

ESPIRITISMO

Antimatéria

"Cada partícula de matéria é uma imensidade"

Lavater

AURELIANO ALVES NETTO

Definir a matéria e explicar a sua constituição tem sido uma constante preocupação dos filósofos e dos cientistas de todos os tempos.

Segundo a filosofia pré-socrática, o Universo originou-se de uma substância fundamental, o «fogo etéreo» ou uma essência desconhecida, simples e uniforme — única realidade eterna.

Para Empédocles, todas as coisas constituíam-se dos quatro elementos fundamentais: terra, fogo, ar e água. De suas variadas combinações proviriam as substâncias conhecidas. A esses elementos Aristóteles acrescentava um outro — o elemento espiritual —, que, sob determinadas condições, poderia transmutar uma substância em qualquer outra. Apolados na teoria aristotélica, os alquimistas da Idade Média debalde lutaram por descobrir a «pedra filosofal», que lhes permitiria converter metais ordinários em ouro.

Tais concepções, entretanto, não passavam de meras conjecturas filosóficas, sem a necessária base experimental para dar-lhes legitimidade.

Mas a verdade jaz em um poço, como ensina Demócrito. A Ciência foi buscá-la. Se não a encontrou ainda inteira, é porque o poço é muito fundo e a verdade exíma mestra na arte de dissimular.

De Empédocles aos nossos dias, sucederam-se as descobertas científicas e o nível cultural da Humanidade foi-se elevando, tornando-se capaz de devendar mistérios e operar prodígios.

Vivemos na Era Atômica, em que a palavra impossível vai sendo desbancada pela Ciência e tende a desaparecer dos dicionários.

Já no século VI a. C. Leucipo lançava as bases do atomismo, aventando a hipótese das partículas eternas, formadoras de todas as coisas. Seguiu-se-lhe Demócrito, pelo ano 400 a. C., rebelando-se contra a ideia de criação, pois «o ser não poderia provir do não ser» e afirmando que a matéria era constituída de pequenas partículas indivisíveis. Mais tarde, Descartes (1625) concluiria, não só da existência dos átomos, como também dos corpúsculos menores. Estava aí a prenúnciação das grandes descobertas do século XX. Esses filósofos, evidentemente, eram dotados de altas faculdades intuitivas. Profetas da Ciência.

O certo, porém, é que a teoria atômica só se consolidou a partir de 1803, quando John Dalton ainda julgava que os átomos eram «partículas hipotéticas que constituíam os corpos» e jamais poderiam ser divididas. Hoje sabemos que elas nem são hipotéticas nem indivisíveis. Segundo a clássica definição, o átomo é constituído de próton, elétron e nêutron. Atualmente, outras partículas são conhecidas: positron, méson, pion ou méson pi, fóton, neutrino e antineutrino.

«O que está em cima é como o que está embaixo» — é um aforismo hermetista. Vale dizer: o Microcosmo é semelhante ao Macrocosmo. E como ignoramos muito mais do que sabemos acerca do Macrocosmo, parece que o mesmo sucede com relação ao Microcosmo. Daí a nossa suposição de que apenas começamos a vislumbrar os segredos da íntima estrutura do átomo e da constituição da matéria.

Estas considerações vêm a propósito de uma arrojada e muito recente concepção científica: — a antimatéria.

Leon M. Lederman, professor de Física da Universidade de Colúmbia, EE. UU., anuncia o descobrimento de uma nova partícula atômica, a que deu o nome de antitétrôn. Estudando-o, em conexão com as demais partículas, aventura-se a uma hipótese verdadeiramente fantástica: a da existência, no Universo, de um antimundo (planetas e estrelas formados de antimatéria), possivelmente «povoado por criaturas pensantes».

A antimatéria, ao que dizem os cientistas, compõe-se de átomos cujos elementos (prótons, elétrons, nêutrons etc.) estão em posição inversa, com elétrons positivos girando em volta de núcleos negativos.

De um editorial da revista SCALA Internacional n.º 9, de 1965, recolhemos o seguinte trecho:

«Em verdade, a preposição «anti» tem certo caráter agressivo: se a matéria e a antimatéria se defrontassem, verificar-se-ia a destruição de ambas. (...) De acordo com as suposições, a matéria e a antimatéria teriam sido criadas ao mesmo tempo, na hora em que apareceu o Universo».

O assunto é de tal transcendência que, para leigos como nós, só o imaginá-lo deixa-nos estarecidos e perplexos.

Arriscamo-nos, contudo, a fazer cóo com o ilustre confrade João Marcus:

«Pelo que compreendo, porém, os cientistas começam a descobrir um universo invisível, onde se encontra como que o molde de tudo quanto existe neste. A ser isso verdadeiro, estaríamos confirmando aquele milenar conceito hindu, que nos assegura que tudo quanto existe no mundo material existiu antes no mundo material. Para nós, espíritas, ainda há mais que especular. Será que a antimatéria é a substância do perispírito? (Of. «Reformador», de outubro, 1965).

Se João Marcus pensa acertadamente, então, num eventual impacto, matéria e antimatéria não se destruiriam reciprocamente. Ainda bem!...

JUVENTUDE EM MARCHA

«Juventude em Marcha», é o novo órgão de divulgação espírita, publicado pelo Departamento de Propaganda da Mocidade Espírita de Mogi-Mirim.

Na direção do novo veículo de disseminação da Doutrina Espírita estão os jovens Luiz de Medeiros e Profa. Lêda Therezinha Darin, va-

lorosos elementos daquela Mocidade Espírita.

O novo companheiro de lide jornalística tem ótima apresentação, é bastante noticioso e muito promete realizar, tornando-se ardoroso porta-voz do movimento de moços.

Ao «Juventude em Marcha» o abraço fraterno do «Unificação».

O QUE VAI PELAS MOCIDADES:

- Mais dois Departamentos Regionais de Mocidade foram instalados recentemente: Sorocaba e Presidente Prudente. Nossos votos de pleno êxito no funcionamento dessas novas unidades que objetivam dinamizar o movimento juvenil em nosso Estado, em consonância com o Departamento Estadual.
- mais uma Mocidade nasceu em nosso Estado. Trata-se da «Mocidade Espírita Cairbar Schutel», da cidade de Santo Anastácio, fundada em 13-8-67. Nossas congratulações aos seus fundadores, que são: presidente Ivan Cavalcanti Lima, vice-presidente Maria Helena Infante, diretora sem pasta Alice Onishi, secretário administrativo Luiz Infante, secretário de informações Luiz Antônio Martins, secretária de expansão Sônia Maria da Silva, secretário adjunto José Pedro da Silva, tesoureiro Paulo Roberto Infante e Edson Infante, bibliotecário Orlando Brihante Santana, diretores artísticos Otília Romeiro e Sônia Maria da Silva, conselho fiscal: Maria Luiza de Libório, Aparecido Peçanha, Suelly Guinossi Hungaro e Valter Paes Leme.
- na cidade de Itapira, realizou-se a V JORNADA DO JOVEM ESPÍRITA, de 28-9 a 1-10-67. Foram oradores: Prof. Walter Radamés Accorsi, Lindolfo Fernandes Neto, Roque Jacintho e Israel A. Alfonso. Houve ainda, aula modelo de Evangelização Infantil, a cargo do Departamento de Infância e Juventude da Federação Espírita do Estado de São Paulo, e mesa redonda versando sobre «Utilidade e Prática das Deliberações da I COMJESP». Colaboraram na parte artística: Mocidades Espíritas de Mogi Mirim, Itapira, Amparo e coral da Federação Espírita do Estado de São Paulo.
- em Botucatu, de 1 a 8-10-67, aconteceu a VII Semana do Moço Espírita, realização da Mocidade Espírita Fraternidade. Usaram da palavra: Dr. Ary Lex, Aymorés Alves Marinho, Péricles Alves Nogueira, Abel Glaser, Iolanda Ferreira Leite, Richard Simonetti, Terezinha de Oliveira e Sidney Venturi. As apresentações artísticas ficaram a cargo da M. E. Fraternidade e Escolas de Evangelização Infantil de Botucatu.

Cumpra afirmarmos mais uma vez, estudar e reestudar a Codificação Kardequiana, e as obras que lhe são verdadeiramente subsidiárias, para que, mal esclarecidos, não venhamos a cometer erros que poderão repercutir milenarmente em nossas consciências. Se o que desejamos é realmente servir o Cristo, entendamos a sua mensagem ao mundo em Espírito e Verdade, para nos fazermos fiéis instrumentos da sua vontade.

ABEL GLASER

CONFRATERNIZAÇÃO ANUAL C. M. E./D. E.

Nun ambiente de franca cordialidade, e no propósito de dirimir possíveis dúvidas existentes no seio do movimento de unificação dos espíritas, realizou-se na noite de 11 de dezembro último, em São Paulo, a Confraternização Anual dos membros do Conselho Metropolitano Espírita com a Diretoria Executiva da U.S.E.

Estiveram presentes como membros da D. E. os confrades Carlos Jordão da Silva, Dr. Luiz Monteiro de Barros, Prof. Apolo Oliva Filho, Carlos Dias, Paulo Alves de Godoy, Dr. Euripedes de Castro, Abel Glaser e Dr. Roberto D. Andreucci. Representando o C. M. E. ali estiveram os companheiros Ignaço Giovanni, Alcebiades Bertan, Sebastião Maggi da Fonseca, Luiz P. Nascimento,

Milton Felipeli, Ruy E. N. Barbosa, Carlos D'Amico, Antônio Menegueti, Eduardo Costa, Felipe Gimenez Garcia, Da. Amélia Verni Lopes, Antônio Lima Lopes, Milésio Martins Romero, Nilza A. Lemos, Domingos Meciano, Zulmiro Santos Silva e Levaldina Nascimento.

No decurso da Confraternização houve franco debate e esclarecimentos em torno das perspectivas que oferecem o movimento de unificação dos espíritas, principalmente no que tange à unificação das entidades de cúpula do Espiritismo no Estado de S. Paulo. Foram também abordados outros problemas de relevante importância e atualidade, encerrando-se a reunião às 23 horas, sob o influxo da mais estreita compreensão e amizade.

União Distrital Espírita da 17.ª Zona

A União Distrital Espírita da 17.ª Zona patrocinou, no dia 12 de novembro de 1967, uma Caravana de visitação trimestral à Sociedade Espírita de Assistência «Rodrigues de Abreu» — SEARA.

A aludida visita coletiva foi encetada por 108 pessoas pertencentes às seguintes instituições espíritas: Sociedade Espírita Beneficente Minimus, Associação Espírita «Henrique de Castro», Centro Espírita «Irmã Nice», Associação Assistencial Espírita «Apóstolo Mateus», Liga Espírita do Tatuapé, Centro Espírita «Doze Apóstolos», Associação Espírita «Paulo e Estevam», Grupo Espírita «Irmã Clementina», Centro Espírita «Olinda de Jesus» e Departamentos de Mocidades das Uniãoes Distritais das 17.ª e 19.ª Zonas.

A caravana foi portadora dos seguintes valores que foram doados àquela instituição assistencial:

Importância em dinheiro	NCr\$ 91,30
84 peças de roupas e 187 quilos de gêneros alimentícios, no valor de	NCr\$ 427,60
Total	NCr\$ 518,90

Conselho Regional Espírita 11.ª Região

Nos é grato noticiar o seguinte tópico de carta recebida do 11.º C.R.E. (de S. José do Rio Preto): «... após muito tempo de lutas, conseguimos fazer funcionar o 11.º C.R.E. com a reestruturação da U.M.E. de Catanduba». Os nossos aplausos aos dirigentes desse órgão da U.S.E..

Movimento Universitário Espírita

O M.U.E. realizou em outubro sua Assembléia Geral para reforma dos estatutos e numa segunda fase eleição do Conselho Diretor e dos membros da Diretoria. Assim, foram eleitos conselheiros: J. Herculano Pires, Ary Lex, Antônio João Tedesco, Guilherme Barthman, Waldomiro Freitas, João Gilberto Millos e José Cláudio Fortes. Foram eleitos Presidente: Izaio Carneiro e Vice-Presidente: Waldomiro Freitas. Os demais cargos da Diretoria serão preenchidos pela Diretoria, com a aprovação do Conselho.

Realizou-se a Assembléia no Instituto Espírita de Educação Metropolitano, na rua Guarará, 140, contando com a presença dos associados, transcorrendo a assembléia em ordem, com os debates feitos ordenadamente, com seriedade, tendo sido aprovado o anteprojeto apresentado pela comissão.

CONVITE

A posse dos conselheiros e da diretoria dar-se-á no dia 6 de janeiro de 1968, sábado. Convidamos todos os associados para tal ato solene, bastante significativo para a vida do M.U.E. que, com nova roupagem estatutária, prepara-se para uma arrancada numa fase de trabalho ativo em prol da Doutrina Espírita.

Tal solenidade será realizada durante o I Encontro de Delegados dos M.U.E., dias 6 e 7 de janeiro de 1968. Solicitamos aos elementos do interior que se comuniquem conosco acerca do número de representantes que virão à Capital.

Lar Espírita «Mensageiros da Luz»

O Centro Espírita «Henrique Seara», sediado à rua Dr. Cunha Moreira, 47, na vizinha cidade de Santos, concretizou mais uma de suas notáveis obras assistenciais, fazendo inaugurar no dia 28 de outubro, às 16 horas, o Lar Espírita «Mensageiros da Luz» (Assistência à Paralisia Cerebral Infantil), no endereço supra.

«Unificação» reitera aos confrades do Centro Espírita «Henrique Seara», os seus votos de crescente progresso ao novo organismo assistencial espírita.

4.ª COMENESP

O Conselho Diretor da 4.ª COMENESP, a realizar-se na cidade de Araraquara, SP, nos dias 11 a 14 de abril de 1968, está em intensa atividade.

Já foram escolhidos os seguintes temas para os trabalhos doutrinários: «O Moço e a Medunidade», «Espiritismo Escola», «Como Viver a Unificação Espírita», «Milagres e Predições à Luz do Espiritismo» e «O Espiritismo na Atualidade».

A correspondência para a 4.ª COMENESP — Concentração de Mocidades Espíritas do Nordeste do Estado de São Paulo — deverá ser dirigida para: Rua Itália, 1.935 — Araraquara.

I Semana Espírita de Franco da Rocha

Realizou-se, de 23 a 26 de novembro último, na vizinha cidade de Franco da Rocha, a I Semana Espírita local, sob os auspícios da União Municipal Espírita.

O certame discorreu com grande brilhantismo.

20.º aniversário da Mocidade Espírita de Mogi-Mirim

Completando 20 anos de profícua existência, a Mocidade Espírita de Mogi-Mirim fez realizar, em sua sede social, sita à rua 13 de Maio, 93, naquela cidade, na noite de 15 de novembro último, um programa festivo do qual destacamos:

Inauguração de seu Salão Nobre, consagrado a Ismael, patrono do seu Departamento Infanto-Juvenil. Parte artística desenvolvida pelas crianças do Grêmio Ismael, com a participação de elementos que compõem a Mocidade. Palestra pelo Prof. Apolo Oliva Filho, Secretário-Geral da USE, que abordou o tema: «O Espiritismo e a Infância».

III COMJEBAM

Realizou-se na cidade de Mogi-Mirim, nos dias 24, 25 e 26 de novembro último, a III COMJEBAM — Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas da Baixa Mogiana.

O certame despertou inusitado interesse e se constituiu em mais uma grande realização dos jovens espíritas daquela região do Estado de S. Paulo, com a participação de caravanas de Itapira, Mogi-Guaçu, Pinal, Casa Branca, Amparo, Campinas, S. João da Boa Vista, Jundiá, Mogi-Mirim, S. Caetano do Sul e S. Paulo.

Os oradores foram: Dr. José Carlos Ferraz de Camargo, Profa. Terezinha de Oliveira e Prof. Apolo Oliva Filho, tendo havido parte artística, Aula Padrão de Evangelização Infantil e Mesa-Redonda dirigida pelo Dr. Wilson Ferreira de Melo.

CARO CONFRADE:

Acaba de sair do prelo mais uma edição do

ANUÁRIO ESPÍRITA 1968

V. poderá avaliar o nosso orgulho ao entregá-lo aos nossos leitores; é igual à satisfação que V. irá sentir ao conhecer o seu conteúdo.

Noticioso — Científico — Filosófico — Evangélico

PREÇO: NCr\$ 2,00

Pedidos para:

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Caixa Postal, 110 — Araras — Estado de São Paulo

EM MOGI-MIRIM

Parabéns Mocidade Espírita!... e Muitos Anos de Vida

O 15 de novembro é data festiva para os moços espíritas de Mogi Mirim. É também muito grata aos nossos corações e aos de todos os velhos companheiros que sentem como nós.

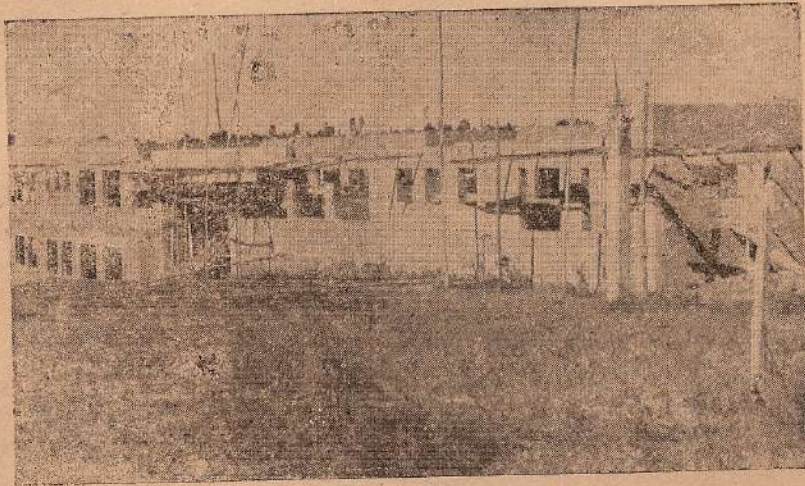
É que neste dia, a Mocidade Espírita, cujo nome esta cidade lhe empresta, comemora mais um ani-

ALCIDES HORTÊNCIO

camos nesses vinte anos de existência: Distribuí encorajados aos recém-nascidos pobres do Município, ministrando às parturientes, noções elementares de higiene, sociabilidade, socorros de emergência, etc. Promove, além do já tradicional

imperiosa necessidade, um fator de progresso incontestável para nossas fileiras.

Se tivermos coragem e formos sinceros, confessaremos que o Espiritismo ganhou muito com o aparecimento das Mocidades Espíritas.



Vista do «Lar e Educandário Miguel Couto», de Mogi-Mirim, atualmente em fase de cobertura

versário de sua fundação. São vinte anos de ininterrupta e fecunda atividade no seu campo de ação; que é o de instruir e preparar os jovens espíritas dentro dos salutares princípios da doutrina consoladora, codificada por Kardec.

Prepara-os pois, com responsabilidades definidas na administração da própria Mocidade, participando dos deveres no âmbito espírita em geral, bem como em qualquer outro campo de atividade onde forem chamados para servir, muito especialmente na sociedade humana, dentro dos postulados cristãos de amar o próximo como a si mesmo.

Seu Departamento de Estudo, bem organizado, difunde as obras da Codificação, bem como outras subsequentes, obedecendo um temário básico, com ciclos de estudos de cada matéria, investigando constantemente a verdade libertadora que estirpa a ignorância causadora de tanta dor e desespero.

O Grêmio «Ismael», constituiu o seu Departamento de Infância e Juventude. A sua tarefa é tão nobre quanto difícil, pois se trata da criança e do jovem que se preparam para mais tarde integrarem os quadros maiores. Seu programa, cuidadosamente elaborado, merece atenção toda especial de quem o dirige; mas, são pessoas com curso especializado e portanto credenciadas para este custoso mister de educar moralmente a criança. O processo mais usado para criança é o áudio-visual (flanêlografo, teatro de sombra, teatro de fantoches, cineminha, etc.), com real aproveitamento por parte das crianças pois as diversas modalidades do ensino aplicadas, têm base na moderna pedagogia.

O Departamento Social-Recreativo colabora com o Grêmio «Ismael», que junto ao Departamento de Propaganda, organiza as reuniões festivas de modo geral, inclusive os passeios campestres.

Dentre as múltiplas atividades que a Mocidade desenvolve, desta-

Natal dos detentos, visitas periódicas à Cadeia Pública, levando aos encarcerados um bem reforçado lanche, distribuindo também livros e revistas que proporcionam leitura sadia, de fundo moral.

Procura colocar em outras instituições de maiores recursos, as pessoas necessitadas às quais não pode atender. Colabora com outras casas de beneficência da cidade ou fora dela, sem distinção de religião, dentro do princípio de que todos somos irmãos e somente visando a recuperação da criatura beneficiada.

Mantém uma Escola de Corte e Costura para moças pobres, às quais não se pergunta a que religião pertencem.

Isto é em síntese a Mocidade Espírita.

É por isso que a data de 15 de Novembro é muito significativa para nós que a vimos nascer e amparamos seus primeiros passos, a ela entregando o coração e a melhor parte de nossa existência; daí o porquê da nossa felicidade.

Nestes vinte anos, o período que reputamos mais caro e significativo à nossa lembrança, foi a época de ouro das caravanas. Elas vinham de todas as partes trazendo solidariedade e alegria. Quando regressavam deixavam um vácuo em nosso coração, que só se preenchia com novos encontros.

Este movimento aqui começou lá pelos idos de 1947 e durou até 1952 mais ou menos. Foi uma época agradável na vida das mocidades espíritas de todo o interior paulista. Todos cantavam juntos, moços e velhos se confundiam numa euforia contagiante: «Pugnai Mocidade estudiosa... Pela paz, pelo bem, pelo amor...», e se expandiam felizes, preches de sadio otimismo. Quão gratas recordações nos trazem as caravanas da fraternidade! Saudosismo nosso? Sim, somos saudosistas incorrigíveis porque achamos que as coisas boas devem ser lembradas.

A presença do moço nas atividades espíritas de toda ordem, é uma

Ganhamos muito com seu entusiasmo que contagia, com sua vitalidade e seu idealismo.

Os Centros Espíritas abriram suas portas e escancararam suas janelas, para que penetrassem o sol e a brisa refrescante da primavera.

Os festejos coloridos davam outro toque de beleza nas noites festivas com os salões de roupagem nova, reverberando luzes multicores, mas em suave harmonia, onde o júbilo era esbanjado pelos moços que confiavam num futuro melhor.

Como foi bom esse tempo! Como é doce recordar! Já disse alguém que amar é viver, e que recordar é viver mais uma vez. Por isso, o saudosismo.

Com o que não podemos concordar (embora respeitemos as opiniões alheias), é com o estado de coisa que ocorre em alguns meios espíritas com relação às mocidades. É que em algumas cidades do interior (felizmente, irrisória minoria), os moços são colocados à margem das atividades dos Centros onde desejam colaborar e olhados com alguma desconfiança. Se

eles perseveram, então são aceitos para integrarem nas campanhas que visam angariar fundos para aliviar as dificuldades financeiras dos Centros, ou quaisquer outros empreendimentos espíritas, mas é tão somente isto. Oportunidades para atuar nos quadros diretivos, não têm. Já dissemos que respeitamos as alheias opiniões, mas não aceitamos este ponto de vista.

É o primarismo que ainda luta para sustentar idéias fossilizadas de que o jovem é irresponsável e pode comprometer o que já foi conquistado a duras penas, pelos lutadores do passado.

É outro argumento que se invalida diante de tudo que os moços têm feito nesses últimos vinte anos em favor da expansão do Espiritismo em toda parte. Eles não querem mais nada além de um lugarzinho ao sol, como um direito indiscutível que toda criatura almeja como filho de Deus, procurando UNIR para unificar com sinceridade.

Eles nada pedem em troca, além de calor fraterno e compreensão.

Procurando compreender o moço espírita, confiamos nele, lutamos com ele, sorrimos e sofremos com ele, e esperamos vencer com ele a batalha sem tréguas da luz contra a treva da ignorância que ainda existe em nós.

Para concluir, farei nossas as palavras do querido e saudoso Prof. Leopoldo Machado, que estão inseridas no livro «Juventude em Marcha», editada pela FEB. As palavras têm por título: — «Nosso conceito do Pacto Aéreo — O que não compreendemos é que confrades esclarecidos e distintos continuam esperando desconfiados sem nenhum movimento em prol do Pacto. Antes «torcendo» por seu fracasso, se é que não o sabotam. Ser contra o Pacto já é coisa de admirar. Sê-lo sem atitudes definidas, claras e positivas, chega a ser crime de lesa dignidade doutrinária».

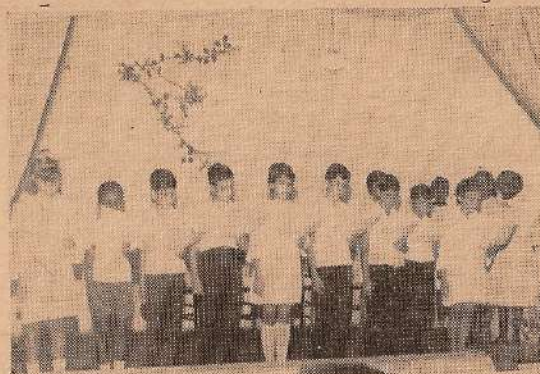
É uma pena que tenha sido assim, dizemos nós.

«Onde não existe o espírito do Senhor, aí não tem liberdade», disse o Apóstolo dos Gentios.

Mocidade Espírita é dinamismo, liberdade e alegria.

Parabéns Mocidade Espírita de Mogi Mirim e muitos anos de vida!

Salve a III — COMJEBAM. (3.ª Confraternização de Mocidade e Juventudes Espíritas da Baixa Mogiana).



As crianças do Grêmio Ismael, de Mogi-Mirim, apresentando um Jogra que encantou todos os presentes, por ocasião da inauguração do Salão Nobre do Grêmio

Livro Nôvo: "Parapsicologia Experimental"

Pela edição Calvário, de autoria do confrade Eng. Hernani Guimarães Andrade, Diretor do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicofísicas "IBPP" vem de ser publicada a obra "Parapsicologia Experimental", com prefácio do Dr. Alberto Lyra (Médico psiquiatra, psicólogo e parapsicólogo).

O seu insigne autor, uma das mais lúcidas inteligências a cultivar a feição científica do Espiritismo em nossa Pátria, já tem dois livros publicados — "A Teoria Corpuscular do Espírito" e "Novos Rumos à Experimentação Espírita" faz, agora, uma séria incursão nos domínios da Parapsicologia, de que o Dr. Joseph Banks Rhine, da Duke University, E.U.A., é fundador.

Não podemos nos furtar ao ensêjo de oferecer aos leitores de "Unificação" um trecho da magnífica obra que é "Parapsicologia Experimental". Com a devida vênia do seu erudito autor daremos, em seguida a reprodução do capítulo "Estudo crítico dos métodos de Métapsíquica e da Parapsicologia".

ESTUDO CRÍTICO DOS MÉTODOS DA METAPSIQUICA E DA PARAPSIQUICA

1) Dificuldades e percalços da experimentação metapsíquica e o problema da fraude.

O Dr. Rudolf Tischner, ao iniciar seu livro "Introdução à Parapsicologia", lembra, muito a propósito, que a ciência da paranormalidade ocupou uma posição bem especial com relação às demais. Enquanto todas as ciências tiveram seu objeto perfeitamente definido, a Parapsicologia necessitou, preliminarmente, provar a existência de uma ordem de fatos que justificassem sua pretensão de arvorar-se em disciplina científica. E, justamente, a grande dificuldade inicial residia aí. Os fenômenos paranormais espontâneos são raros, fogem facilmente ao nosso controle e, em sua maioria, exibem insólito comportamento que torna difícil apresentar provas irrefutáveis de sua realidade.

Há, além desses fatores intrínsecos, outro óbice considerável a impedir a inteira aceitação da existência dos ditos fenômenos: suas graves implicações com determinadas áreas de crenças filosóficas ou sistemas predominantes. Por estas razões, as reações são prontas e até agressivas, parecendo muitas delas de origem inconsciente assumindo formas estranhas de defesa que bem dariam excelente matéria para uma pesquisa do comportamento psicológico de certos cientistas. Assim Helmholtz afirma ao físico inglês Barrett, que, mesmo diante de provas cabais de uma comunicação telepática, continuaria a negar a telepatia por considerá-la impossível. Da mesma forma, Jean Rostand (Science Fausse et Fausse Sciences) confessa estar "persuadido de que não existe, em tudo isso, sombra de fato real".

Em 1876, Sir William Barrett apresentou vários relatórios de suas pesquisas sobre fenômenos paranormais, especialmente a telepatia, à Associação Britânica para o Progresso das Ciências. Com isso o ilustre professor tornou-se alvo de mais severas críticas, sendo negada pela Associação a divulgação de seu trabalho. Iriamos demasiado longe se fôssemos enumerar todos os casos semelhantes, pois a história das conquistas científicas está cheia de demonstrações desse gênero de intolerância e conservantismo.

Finalmente, é preciso considerar também mais dois fatores negativos que constituem sério problema para a pesquisa do paranormal e o reconhecimento de seu valor científico: a precariedade do testemunho puramente humano e a fraude como seu complemento. Os efeitos da deficiência do testemunho pessoal manifesta-se sobretudo no grupo dos fenômenos subjetivos. Há duas tendências extremas que caracterizam a mentalidade humana: o desejo do sobrenatural, do maravilhoso, e a necessidade imperiosa de defender pontos de vista sistemáticos.

No primeiro caso, as pessoas dotadas de sensibilidade paranormal, ou que assim se julgam ser, passam a exagerar e a fantasiar toda e qualquer experiência que lhes pareça fora da gama comum. Os relatos vêm coloridos e carregados de adições irreais. Quando se submetem tais testemunhos ao crivo da análise fria e da investigação honesta, geralmente eles se reduzem às mínimas proporções dos casos corriqueiros, além de revelarem certos conflitos íntimos do paciente. A separação entre o trigo e o joio é penosa e desanimadora, exigindo do investigador tremenda dose de argúcia e paciência.

No segundo caso, alguns investigadores e particularmente os teóricos procuram reduzir quase tudo ao normal, à fraude, ou às faculdades do inconsciente, quando não se negam, aprioristicamente, a aceitar os fatos por mais evidentes que eles sejam, lançando mão de teorias explicativas muitas vezes mais absurdas do que o revelado no aspecto paranormal da ocorrência mesma.

Quando se enfrentam fenômenos paranormais objetivos (parafísicos), onde a evidência dos fatos costuma quebrar as resistências mais sistemáticas, há que temer a fraude. Esta representou um dos mais importantes capítulos da história da experimentação metapsíquica. A descoberta de tentativas de fraude levadas a efeito por alguns dos melhores "médiums" produziu, como consequência, a tendência generalizada de julgar todos esses fenômenos como produtos de hábeis mistificações.

Pode considerar-se que o ponto chave das manifestações parafísicas é o "ectoplasma", substância esta ainda mal conhecida e que seria emitida pelos "médiums de efeitos físicos".

A controvérsia é grande e até agora não se chegou a uma aceitação geral de sua realidade, muito embora se afirme existirem registros mecânicos, fotográficos e até análises químicas (precárias) do discutido "ectoplasma". É flagrante a discordância entre os autores metapsiquistas, no que tange à aceitação dos fenômenos ectoplásmicos. Vamos tomar como exemplo o caso da "materialização do espírito de Bien-Boa", testemunhada e descrita por Charles Richet em seu famoso "Traité de Métapsychique".

De acordo com os relatos de Charles Richet, este empregara rigorosos métodos de fiscalização e observação, durante as manifestações de "Bien-Boa" obtidas pela mediunidade de Eva Carrière (Marthe Béraud), em Vila Carmen, Argélia, relata o eminente metapsiquista, que pudera, inclusive, ver simultaneamente a médium e a materialização. Durante uma destas famosas experiências, Richet pediu ao fantasma que soprasse em um canudo cuja ponta se achava mergulhada em uma solução de barita. O resultado foi o turvamento da solução, o que revelava a presença de gás carbônico, produto normal de expiração dos seres vivos dotados de pulmão. Sem embargo da autoridade e indiscutível honestidade do insigne fisiologista, foi este ridicularizado e acerbamente criticado por causa dos aludidos fatos. Paul Heuzé (Les morts vivent-ils?) concluiu, após certificar-se das declarações de algumas pessoas que teriam participado das sessões de "Bien-Bona", que o novelista Prof. Richet foi vítima de miserável farsa.

Nem o célebre William Crookes, cujas experiências mostram ter sido impecáveis, logrou aceitação unânime, persistindo várias áreas de oposição e mesmo de crítica implacável que puseram em dúvida até a honradez do sábio inglês. Os ataques a esse tipo de pesquisa são apaixonados, pois não visam apenas à defesa da verdade, mas, na maioria das vezes, à manutenção de determinados sistemas e princípios consagrados e tidos como definitivos. Daí a mobilização de todas as armas da argumentação, mesmo as suposições gratuitas.

Como inúmeros médiums foram pilhados tentando fraudar, a suposição generalizou-se e acabou por colocar a Metapsíquica à margem da Ciência. Por isso, a fraude constitui um dos capítulos mais sérios na história da investigação metapsíquica.

2) A importância científica da experimentação metapsíquica como preparo para outra metodologia mais precisa.

A crítica e a avaliação dos argumentos pró ou contra a experimentação metapsíquica não cabem neste manual. Apenas foram invocados como preparo e introdução à Parapsicologia, objeto de nosso modesto trabalho. Dessas rápidas notas devemos inferir da necessidade de ser adotado um novo método de pesquisa dos fenômenos paranormais. O problema continua a existir, pois se os clássicos experimentadores como Richet, Crookes, Zollner, Schrenck-Notzing, Crawford, Barrett e tantos outros não puderam, com seus testemunhos, convencer definitivamente quanto à realidade indiscutível da existência do objeto da ciência da paranormalidade seus críticos também não conseguiram provar a inexistência dos fatos paranormais. Aliás, muito embora alguns continuem negando e duvidando, é raro encontrar-se alguém que, durante sua existência, não haja testemunhado ou tido notícia de algum fenômeno paranormal.

A tarefa dos negadores pode parecer inglória, mas na realidade assumiu importância incalculável por ter despertado a atenção para o rigor científico indispensável a essas pesquisas. Tão valiosa se torna a crítica, que, todas as vezes que se descarta de seu benéfico aguilhão, cai-se no ridículo e no descrédito.

A reação, não só ao sistema de investigação metapsíquica como à indesejável posição discriminatória assumida pela Ciência oficial com relação a este gênero de pesquisa, parece ter seu marco histórico em 1926. Nessa ocasião, William Mc Dougall pronunciou uma conferência na Universidade de Clark, E.U.A., abordando a delicada questão dos fenômenos paranormais. Transcrevamos as palavras de Mc Dougall:

— "Isto deve ser definitivamente respondido. Nossa civilização tem repudiado sistematicamente todo conhecimento fundamentado na autoridade e adotou a decisão irrevogável de basear-se no conhecimento científico, no conhecimento que a Ciência, com seus métodos, pode proporcionar. A dificuldade, a obscuridade ou os perigos deste campo de investigações não são objeções suficientes para excluir as investigações parapsicológicas, de nossas universidades".

A partir daí, iniciou-se o movimento que culminaria com a criação do Laboratório de Parapsicologia da Duke University, E.U.A. (1930). Foi nomeado seu diretor responsável o então bacharel em Biologia, daquela Universidade, Dr. Joseph Banks Rhine. Este resolveu deixar em suspenso todo o acervo de fatos registrados e catalogados pelos metapsiquistas e retomou as pesquisas em bases mais seguras e impessoais.

3) A experimentação qualitativa metapsíquica e sua evolução para o método quantitativo parapsicológico moderno.

As dificuldades para a aceitação dos fenômenos metapsíquicos levou muitos metapsiquistas a tentarem outros tipos de experimentação que tivessem mais segurança e que, inclusive, oferecessem bases para a avaliação quantitativa das faculdades paranormais. Fora dos fenômenos paranormais ostensivos, restava ainda um grande campo quase inexplorado, das faculdades paranormais cuja manifestação ocorre mesmo com os não dotados de mediunidade. O hipnotismo viera demonstrar que certos indivíduos normais podiam comportar-se como sensitivos, quando em transe. Provavelmente tais faculdades seriam próprias da espécie humana, sendo a mediunidade apenas uma hipertrofia da função, ocorrida com indivíduos excepcionais. A pesquisa de faculdades como a *criptestesia* poderia, inclusive, fornecer elementos para a seleção de bons sensitivos. O procedimento mais lógico seria imaginar métodos simples e precisos que facultassem a avaliação do índice de percepção paranormal. A estatística e o cálculo das probabilidades seriam os instrumentos mais indicados para esta avaliação.

Vários pesquisadores, antes de Rhine, tentaram este método: Charles Richet (1884), Sidgwick (1889), Roux (1893), Thomas (1905), Warcollier (1921), Estrabrooks (1927) e outros, mas a aplicação do processo estatístico, por eles, não foi tão sistemática conforme procedeu Rhine.

Regulamento Para Departamento de Mocidade de Conselho Regional Espírita

I — FINALIDADES

Art. 1 — Organizado pela C.E. do C.R.E. da Região da U.S.E., tem por objetivo a unificação, orientação e evolução do movimento juvenil espírita, na área de sua jurisdição.

II — DA DIREÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Art. 2 — Será supervisionado por um Diretor, indicado pela C.E. do C.R.E., e que estabelecerá a ligação entre esta e o Departamento e vice-versa.

Art. 3 — Integrarão o Departamento os seguintes elementos:

- a) dois representantes (efetivo e suplente) por D.M. de U.M.E. existente na Região;
- b) dois representantes (efetivo e suplente) de cada M.E. existente em cidade da Região onde não haja ainda D.M. de U.M.E. funcionando;
- c) dois representantes (efetivo e suplentes) de cada Concentração ou Confraternização Unificada que tenha sede em cidade da circunscrição do C.R.E.

§ único — A fim de estimular o funcionamento e a evolução do movimento espírita juvenil regional, evitando-se, principalmente, a falta do elemento humano, as MM.EE., notadamente da cidade sede, poderão, sem prejuízo da sua representação e apoio ao D.M. da U.M.E., fazer-se representar, também, diretamente, junto ao D.M. do C.R.E., se este assim julgar necessário ou conveniente.

LIVROS NOVOS: "PARAPSIKOLOGIA EXPERIMENTAL"

(Conclusão da pág. 6)

4) Distinção entre Metapsíquica e Parapsicologia.

A observação e catalogação de casos espontâneos com características paranormais é, pois, tarefa mais própria da Metapsíquica, não obstante a Parapsicologia interessar-se também por este tipo de verificação. Na situação de meros observadores, os parapsicólogos assemelham-se aos metapsiquistas. Tal como estes, devem aguardar os fatos ou catalogar informações cuja autenticidade seja provada. A possibilidade de provocar tais fenômenos é limitada. Sua repetibilidade é praticamente inexistente e faz lembrar os fenômenos astronômicos. Esta característica, a *irrepetibilidade*, foi invocada por alguns críticos da Metapsíquica, como argumento contra seu valor científico, tendo sido estendido à própria Parapsicologia. Tal atitude nitidamente discriminatória não tem mais apoio em razões válidas.

A pesquisa da "função Psi", (nome generalizado da função paranormal, proposto por Thouless e Wiesner) passou a ser, atualmente, o principal objetivo da moderna Parapsicologia. Quando falamos em pesquisa da função "Psi", damos a esta expressão um sentido mais amplo, significando não só a determinação dos índices de manifestação da faculdade como a evidência dos correspondentes fenômenos paranormais. Tal investigação tem, pois, tanto o aspecto quantitativo quanto o qualitativo.

O aspecto *quantitativo estatístico* da pesquisa parapsíquica vem estabelecer, hodiernamente, a acentuada diferença entre os métodos usados pelas duas disciplinas irmãs: a Metapsíquica e a Parapsicologia. A metapsíquica deu preferência à observação dos fatos espontâneos, determinando-lhes sobretudo os atributos de qualidade. A Parapsicologia elegeu os processos capazes de estabelecer índices de *quantidade* relativos à "função" e aos "fenômenos Psi".

Com o advento da Escola de Rhine, a experimentação parapsíquica tornou-se nitidamente de natureza *psicológica e quantitativa*.

5) A experimentação parapsíquica e suas vantagens sobre a experimentação metapsíquica.

Ao usar a expressão "vantagens", não estamos querendo estabelecer níveis de importância entre as duas disciplinas em questão. O acervo de fatos catalogados pela Metapsíquica e subscritos por tantos vultos da Ciência é impressionantemente vasto para deixar de ter imenso e real valor. Não obstante, a Metapsíquica foi praticamente rejeitada pela Ciência oficial e a aceitação dos fatos por ela apresentados não teve a unanimidade que era de esperar.

A Parapsicologia, retomando o problema em suas origens, veio trazer a certeza incontestada da existência da "função Psi". Seus métodos de investigações mostraram-se mais seguros e mais fecundos, abrindo as portas para uma aceitação mais geral e incentivando tal gênero de pesquisas nas universidades e em laboratórios das grandes organizações industriais.

Graças à Parapsicologia os fenômenos da Metapsíquica superaram a barreira que lhes antepusera o oficialismo científico. Diante da prova da existência da "função Psi", desapareceu em grande parte a resistência contra os demais fatos metapsíquicos. Enfim, a tendência, agora, não consiste mais em duvidar do fenômeno paranormal; toda a controvérsia girará, doravante, em torno da *causa* que os produz. A preocupação futura será o de como agir sobre a referida causa, a fim de controlar a "função Psi" e o próprio fenômeno paranormal.

Sem embargo da existência de algumas reduzidíssimas áreas de resistência, já se tem por certo que o *objeto da ciência do paranormal* exista.

Deve-se isto, em grande parte, à Parapsicologia. Daqui por diante é provável que a Metapsíquica e a Parapsicologia se unam em um só corpo, juntando-se também a alguns outros novíssimos departamentos da pesquisa paranormal, surgidos em setores fora da Psicologia, para constituir-se em uma disciplina única, de largo espectro, à qual proporíamos, "data venia", o nome de *Psicobiostica*.

Art. 4 — Indicados pelos componentes do Departamento, de comum acordo com o Diretor, e referendados pela C.E. do C.R.E., funcionarão na C.E. do Departamento:

- a) Secretário Geral: cumprindo-lhe a coordenação geral das atividades e a orientação da C.E., em conjunto com o Diretor;
- b) Secretário Administrativo: competindo-lhe o atendimento do expediente, redação das atas, dos boletins, etc.;
- c) Secretário de Expansão e Informações: cabendo-lhe estabelecer contato com os D.M. das U.M.E.s da Região e com as MM.EE. localizadas em cidades ainda não servidas por esses, integrando-os ao movimento juvenil unificado regional, coletando dados estatísticos, notícias, etc., e fornecendo todas as informações que lhe forem solicitadas.

Art. 5 — A criação de novas secretarias fica condicionada ao critério da C.E. do Departamento, «ad referendum» da C.E. do C.R.E., e serão instaladas sempre com o objetivo de melhor atender os elevados propósitos do Departamento.

III — DO TRABALHO DOS COMPONENTES

Art. 6 — São considerados componentes do D.M. do C.R.E. os representantes devidamente credenciados, nos termos do Art. 3 deste Regulamento.

Art. 7 — São seus deveres:

- a) aplicar na área de sua jurisdição, de modo fraterno e a título de recomendação, todas as normas aprovadas ou referendadas pela C.E. do C.R.E. ou, ainda, pelo C.D.E. da U.S.E., no que diz respeito a Mocidades ou Juventudes.
- b) compreender e pôr em prática o caráter dinamizador e descentralizador das suas tarefas, aliviando desta forma o D.M. do C.R.E. e, conseqüentemente, o próprio Departamento Estadual.
- c) comparecer às R.G. do D.M. do C.R.E., convocadas pela sua C.E., apresentando relatório escrito das atividades unificacionistas desenvolvidas.
- d) pugnar para que o Plano Bial de Trabalho do D.M. do C.R.E. seja cumprido, colaborando, ainda, com os objetivos do Departamento Estadual.

IV — DA REPRESENTAÇÃO JUNTO AO DEPARTAMENTO ESTADUAL

Art. 8 — O D.M. do C.R.E. far-se-á representar junto ao D.M. da U.S.E. (R.G. etc.) por dois dos seus componentes (efetivo e suplente), membros da C.E. do D.M. do C.R.E., ou pelo Departamento credenciado.

V — DAS REUNIÕES

Art. 9 — O D.M. do C.R.E. reunir-se-á pelo menos uma vez cada três meses, sendo a reunião seguinte marcada durante a anterior, podendo-se aproveitar a oportunidade das Prévias de Concentração, etc., e com o objetivo de atender os assuntos de ordem administrativa concernentes ao movimento juvenil regional.

Art. 10 — A C.E. do Departamento reunir-se-á pelo menos uma vez por mês, sendo o dia e horário acertado de comum acordo entre os seus membros, e, sempre que possível, na sede do C.R.E.

Art. 11 — O D.M. do C.R.E. poderá auspiciar Confraternizações Juvenis Regionais, sem prejuízo das Concentrações maiores (inter-regionais: Noroeste, Nordeste, Centro-Sul), aproveitando-as, ao contrário, em favor delas:

- a) as confraternizações juvenis regionais (abrangendo a área do C.R.E.) reger-se-ão por regulamento próprio, aprovado pelo C.D.E. e terão fundamentalmente três objetivos:

- 1) atender a confraternização das MM.EE. da Região;
- 2) preparar as MM.EE. da Região para as Concentrações de âmbito maior;
- 3) promover, fraternalmente, e a título de recomendação, a aplicação, pelas MM.EE. da Região, dos resultados alcançados nessas Concentrações.

VI — DA ORIENTAÇÃO

Art. 12 — O Departamento adotará, como é óbvio, a mesma posição doutrinária da U.S.E., expressa através dos seus órgãos competentes, e as nobres finalidades do Movimento de Unificação.

Art. 13 — Toda a matéria deliberativa e de orientação do D.M. do C.R.E. será largamente debatida entre os moços e Mocidades da Região, antes de apresentada à C.E. do C.R.E. ou ao Departamento de Mocidades Estadual.

Obs.: Tratando-se da Capital, os termos C.R.E., U.M.E., CIDADE, serão respectivamente substituídos por C.M.E., U.D.E. E DISTRITO.

Significado das siglas:

- CE — Comissão Executiva.
- CRE — Conselho Regional Espírita.
- USE — União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.
- DM — Departamento de Mocidades.
- UME — União Municipal Espírita.
- ME — Mocidade Espírita.
- CDE — Conselho Deliberativo Estadual.
- RG — Reunião Geral.
- CME — Conselho Metropolitano Espírita.
- UDE — União Distrital Espírita.

Obs.: Aprovado pelo CDE em sua reunião de 9 de julho de 1967, realizada na Capital.



Servo ou Amigo?

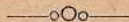
PAULO ALVES DE GODOY

«Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor, mas tenho vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer.» (João, 15:15)

Jesus Cristo deixou bem claro nos Evangelhos, (Mateus, 11:12), que: desde os dias de João Batista até agora, se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderaram dele, o que é corroborado por Lucas (16:16): «A lei e os profetas duraram até João; desde então é anunciado o reino de Deus, e todo o homem emprega força para entrar nele.»

Essas afirmações do Mestre objetivam traçar uma linha divisória entre os ensinamentos dos antigos profetas e a mensagem de luz que viera trazer à Terra, de cuja revelação João Batista fora o precursor.

João apareceu no deserto da Judéia apregoando o reino dos céus, e muitos fariseus e saduceus, homens cividos de vícios e de pecados, procuraram o profeta buscando a fórmula do arrependimento, pretendendo, desta forma, forçar as portas do reino que estava sendo apregoado. A estes e Batista advertiu: «Reca de vobras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento.»



O homem, à medida que atinge determinado grau de progresso, vai assumindo deveres e obrigações compatíveis com o seu estado evolutivo. O selvagem, agindo instintivamente, quando aniquila um outro ser humano, logicamente, não tem a responsabilidade que tem um homem civilizado, que age deliberadamente, com conhecimento de causa, e que já sabe empregar a razão. O mesmo selvagem, entretanto, no decurso das reencarnações, vai evoluindo e, como decorrência, assume novas responsabilidades, em face do grau de progresso que vai colimando e, mais tarde, quando voltar a reencarnar-se, numa faixa evolutiva onde se aplica melhor a razão, seus atos terão muito mais reflexo, atingem maior amplitude e serão passíveis de serem enquadrados num estágio que demanda muito maior responsabilidade.

Até o advento de João Batista, que antecedeu de alguns meses o advento do próprio Jesus, o povo judeu vivia sob a égide das leis antigas e era regido por prescrições drásticas, fundamentadas sobre ameaças ineríveis de pragas, vinganças, punições e morte.

Submetido a uma legislação dessa natureza, não se poderia esperar coisa melhor dos homens. Os próprios mentores do povo jamais poderiam servir de paradigma para a prática de atos retificadores. Moisés, sob os imperativos da missão que viera desempenhar, embora fosse um dos maiores dentre os profetas suscitados no seio da comunidade hebraica, ordenou verdadeiras matanças e, a cada passo, no processo de elaboração das leis que estipulava, consagrou a pena de morte, o orgulho nacional, a intolerância, a implacabilidade, tudo como prescrições que deveriam ser invariavelmente observadas. O reino dos Céus era assim tomado de assalto, pela violência.

Os mentores religiosos apregoavam o reino de Deus com base num sistema que consagrava o repúdio à mulher, a insuflação da guerra, o aniquilamento de prisioneiros, o apedrejamento dos filhos rebeldes e toda uma série interminável de prescrições punitivas, perfeitamente descabidas quando se pensa na existência de um Pai de Justiça e de Perdão.

Esse estado de coisas levou Paulo de Tarso, em sua epístola aos Gálatas, a esboçar nitida linha divisória entre o Velho e o Novo Testamento:

«Digo, pois, que todo o tempo que o herdeiro é menino, em nada difere do servo, ainda que seja senhor de tudo;

Mas está debaixo de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai.

Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo;

Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei.

Para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.

E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações, o Espírito de seu Filho, que clama: Abba, Pai.

Assim que já não és servo, mas filho; e se és filho, és também herdeiro de Deus por Cristo.» (Gálatas, 4:1-7).

O Apóstolo dos Gentios dá a entender que, quando o herdeiro é imaturo em nada difere do servo, embora a sua condição de proprietário de tudo. Quando, entretanto, ele atinge a plenitude do conhecimento e pode gerenciar as coisas por si só, deixa de ser um instrumento guiado por outros, para se tornar um homem de livre iniciativa, de mentalidade arejada, apto a aceitar aquilo que julgar bom e a repelir as coisas que julgar detrimentais.



Nos pródomos da história, quando o homem era ainda inapto para dirigir seus próprios destinos, necessitava da tutela de iniciados e, esses mestres, por imperativos circunstanciais, estavam submetidos a rígidos sistemas religiosos e filosóficos, ou a teorias humanas, impregnadas de dogmas, de preconceitos e de tradições incôgnas.

O povo israelita, até o advento de João Batista, vivia mergulhado em grotesco fanatismo, sob a égide de escribas que se estribavam num

SR. AGENTE: Queira devolver este jornal à Caixa 3.946 — São Paulo, não sendo encontrado o destinatário.

PORTE PAGO

Jesus e a Mediunidade

JOSYAN COURTE

Realmente, Moisés, no Deuteronômio proíbe as comunicações com os mortos, o que nos faz depreender que o comércio mediúnico já naqueles recuados tempos tinha-se alastrado bastante chamando a atenção das autoridades da época e por outro lado podemos notar que aquilo que Moisés visava era coibir os abusos dos consulentes que procuravam os médiums para tratar de assuntos de ordem material, portanto inferiores, atraído dessa forma espíritos também inferiores, aos seus colégios.

Moisés, grande conhecedor da alma humana, sabia perfeitamente que não poderia anular as comunicações com os mortos apenas com um ato legislativo. Percebeu que o grande atraso moral do povo não venharia que as comunicações trouxessem benefícios sociais.

Com a vinda do Messias no plano de matéria densa iniciou-se no planeta a tarefa da evangelização do mundo, e muitas pessoas passaram a procurar as almas dos denominados mortos com objetivos puros tais como conselhos e orientações para as suas lutas de cada dia. O próprio mestre Jesus teve inúmeros contatos com entidades espirituais ainda em estado de perturbação, tais como espíritos que tão somente pela sua Divina Presença eram afastados dos obsidiados a quem Ele socorria. Mas não teve, «Ele» somente contacto com entidades espirituais inferiores, iniciou, em pessoa no Monte Tabor, o intercâmbio espiritual superior, confabulando com Moisés e com Elias, aquele mesmo Moisés que muitos séculos antes tentara proibir as comunicações com os desencarnados. Interessante observar que é o próprio Cristo de Deus que quebra qualquer preconceito que possa haver nas manifestações do Além, e é o próprio Moisés, em espírito que vem confabular com Jesus, o Mestre das Verdades Eternas do Espírito Imortal.

“Correio Fraternal”

«Correio Fraternal», é o novo órgão da imprensa espírita, editado pela União Municipal Espírita de S. Bernardo do Campo, «UMESE», órgão da USE. E' o seu diretor-responsável o confrade Otto J. G. Bethke, e na direção geral estão os nossos companheiros Raymundo R. Espelho e Tullio Agnelli.

Seu número de apresentação, referente ao mês de outubro de 1967, traz um artigo do seu diretor-responsável, no qual aquele confrade destaca: anos engajamos doravante, com este pequeno e humilde mensário, destinado a ser mais um portavoz dos espíritos, a dar-lhes o pão espiritual, as notícias dos movimentos em inúmeros Centros ou Casas Espíritas, a fim de que, todos congregados, tenhamos o vero sentido de aglutinação, de comunhão, para, unidos, podermos levar a palavra de Deus a todos os rincões do nosso Estado e quicá a muitos outros cantos da nossa Terra.»

«Unificação» formula os mais acendrados votos para que o novo colega, tenha vida longa, vivada de progresso e que se constitua em mais um ardente defensor da pureza doutrinária do Espiritismo.

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE
Redação: R. Maranhão, 404 - C. Postal 3.946
Telefone 52-6273 — São Paulo - 3

ASSINATURA ANUAL

Brasil NCr\$ 2,40
Exterior NCr\$ 3,00
Número avulso NCr\$ 0,15

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adexas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só fase do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Composto e Impresso na Gráfica Editora Linotype — Rua Mem de Sá, 172 - Tel.: 32-4348 - S. Paulo

verdadeiro amálgama de dogmas férreos, hauridos nas «letras que matam» do Velho Testamento. Os homens viviam então numa condição de completa subserviência, considerando-se meramente «servos de Deus» e, como tal, receios da autoridade divina e das eventuais represálias que o Alto lhes aplicaria nos casos de transviamento.

Com o advento do Precursor e logo a seguir do próprio Cristo, as coisas mudaram completamente e o Mestre proclamou através do evangelista Mateus (11:13): «Todos profetas e a lei profetizaram até João, dali por diante é apregoado o Reino de Deus.»



Enquanto os povos da antiguidade viviam subjugados aos imperativos da lei antiga, desconhecendo a luz e os ensinamentos que Jesus Cristo viera revelar posteriormente, seus atos eram toleráveis e levados em consideração, entretanto, tão logo o Messias desvendou os lindes preceitos da sua Doutrina Libertadora, tudo mudou de figura, ninguém jamais poderia alegar ignorância das luzes que os Evangelhos vieram trazer.



Quando Paulo afirma que Jesus veio para remir os que estavam debaixo da lei, deixou bem delineado que o seu advento representava autêntica libertação do homem do jugo dos dogmas e das velhas tradições, subtraindo-o do «status» de servo da lei antiga, vivada de princípios puramente humanos, para integrá-lo na condição de filho, herdeiro do Reino, consócio do papel relevante de espírito que caminha para a sua redenção espiritual, aprimorando-se e aproximando-se das qualidades inerentes àqueles que gozam da plenitude maior, conquistada através das vidas sucessivas do espírito na carne.